

KRZYSZTOF KIESLOWSKI – TRÊS CORES + A DUPLA VIDA DE VERONIQUE

Três Cores: Azul de Krzysztof Kieslowski

Sinopse “Azul” é o primeiro dos filmes que compõem a famosa trilogia de Kieslowski, alusiva às três cores da bandeira francesa e representando os ideais da revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. Julie (Juliette Binoche) perde o seu marido, um famoso compositor, e a filha num acidente de automóvel. Ao contrário do que seria esperado, o tema da liberdade não é explorado na arena política, mas no campo das emoções, enquanto Julie tenta recomeçar a sua vida libertando-se de todos os laços e compromissos. Numa tentativa de suicídio espiritual, ela corta relações com os que até aí conhecerá para viver completamente anónima e independente no bulício de Paris. Apesar das suas intenções, as pessoas da sua antiga e da sua nova vida insistem em intrometer-se, com as suas próprias carências e preocupações. A realidade criada pelos que precisam e se preocupam com ela acaba por a trazer de volta ao mundo dos vivos. **“Azul” venceu três César, prémios da indústria francesa de cinema, incluindo o de Melhor Actriz para Binoche**

Título original: Trois Couleurs: Bleu (Suíça / Polónia / França, 1993, 94 min.)

Realização: Krzysztof Kieslowski

Interpretação: Benoît Régent, Florence Pernel, Charlotte Véry, Hélène Vincent, Emmanuelle Riva

Argumento: Krzysztof Kieslowski, Krzysztof Piesiewicz

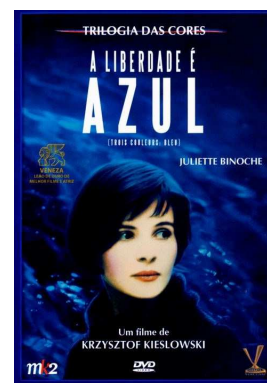
Fotografia: Sławomir Idziak

Montagem: Jacques Witta

Produção: Marin Karmitz

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



Três Cores: Branco de Krzysztof Kieslowski

Sinopse Segunda parte da trilogia francesa de Kieslowski, simbolizando a igualdade, "Branco" é uma comédia negra, centrada nas dinâmicas destrutivas de uma relação a dois baseada na desigualdade. Karol (Zbigniew Zamachowski) é um cabeleireiro polaco, imigrado em França. A mulher Dominique (Julie Delpy), que ele ama obsessivamente, pede o divórcio alegando um casamento “não consumado”. Karol perde tudo o que tinha e regressa à Polónia, passando por sucessivas humilhações sexuais, económicas e físicas, as quais apenas reforçam a sua paixão obsessiva pela ex-mulher e o seu desejo de vingança. Os desencontros entre as vontades dos dois tornam sinuoso o caminho para a descoberta de que o amor necessita de tempo e compreensão mútua. Um olhar irónico sobre as recentes transformações no Leste europeu e simultaneamente sobre os mecanismos da paixão.

Festival de Berlim 1994 – Urso de Prata para Melhor Realizador

Título original: Trois Couleurs: Blanc (Suíça / Polónia / França, 1994, 86 min.)

Realização: Krzysztof Kieslowski

Interpretação: Julie Delpy, Janusz Gajos, Zbigniew Zamachowski

Argumento: Krzysztof Kieslowski, Krzysztof Piesiewicz

Fotografia: Edward Klosinski

Montagem: Urszula Lesiak

Produção: Marin Karmitz

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



Três Cores: Vermelho de Krzysztof Kieslowski

Sinopse Último filme da trilogia de Kieslowski sobre os ideais da Revolução Francesa, “Vermelho” desenvolve o tema da fraternidade. Valentine (Irène Jacob) é uma jovem modelo que vive em Genebra. Quando um dia atropela um cão por acidente, acaba por conhecer um juiz aposentado (Jean-Louis Trintignant), que se dedica a espiar as conversas telefônicas dos vizinhos, alimentando, desta forma, o seu desprezo pela humanidade e a convicção de que os homens e as mulheres continuam todos os dias a ser traídos, tal como ele próprio foi. Um filme sobre as relações entre seres humanos, sobre o laço que une Valentine e o juiz, mas também sobre todos aqueles que, sem o saberem, acabam envolvidos na trama. Uma história de redenção, perdão, compaixão, num genial filme que encerra e descodifica, não só esta poderosa trilogia, como toda a obra do realizador. **“Vermelho” foi nomeado para três Óscares da Academia em 1995, incluindo para Melhor Realizador.**

Título original: Trois Couleurs: Rouge (Suiça / Polónia / França, 1994, 95 min.)

Realização: Krzysztof Kieslowski

Interpretação: Irène Jacob, Jean-Louis Trintignant, Frédérique Feder, Jean-Pierre Lorit

Argumento: Krzysztof Kieslowski, Krzysztof Piesiewicz

Fotografia: Piotr Sobocinski

Montagem: Jacques Witt

Produção: Marin Karmitz

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



A Dupla Vida de Veronique de Krzysztof Kieslowski

Sinopse Veronika vive em Cracóvia. Veronique vive em Paris. Não se conhecem, mas têm a mesma vocação para a música, os mesmos gostos, a mesma relação de proximidade com o pai, viúvo, e o mesmo problema cardíaco, para além do mesmo aspecto físico. Veronika aprende música, trabalha arduamente, mas morre subitamente na sua primeira performance. A partir deste momento, a milhares de quilómetros de distância, a vida de Veronique altera-se profundamente e ela decide deixar de cantar...

Título original: La double vie de Véronique (Noruega / Polónia / França, 1991, 97 min.)

Realização: Krzysztof Kieslowski

Interpretação: Irène Jacob, Philippe Volter, Sandrine Dumas

Argumento: Krzysztof Kieslowski, Krzysztof Piesiewicz

Fotografia: Slawomir Idziak

Montagem: Jacques Witt

Produção: Leonardo De La Fuente

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12



Redescobrimos 4 filmes de Kieslowski

João Lopes, Cinemax

Nome fundamental do cinema europeu da segunda metade do século XX, o polaco Krzysztof Kieslowski está de volta às salas portuguesas — em reposição, em cópias novas, podemos ver ou rever os seus admiráveis quatro filmes finais.

Quase a terminar um ano, importa dizer que, para além dos desequilíbrios ou inconsistências que possamos apontar ao mercado cinematográfico português, as reposições (re)conquistaram um lugar estável no seu funcionamento. Dito de outro modo: os mais diversos distribuidores têm sabido valorizar uma relação dinâmica com as memórias cinéfilas, mostrando "velhos" clássicos, além do mais através de magníficas cópias restauradas.

Agora, é a vez do cineasta polaco Krzysztof Kieslowski (1941-1996), por certo um dos nomes fulcrais da produção europeia da segunda metade do século XX. Assim, podemos ver ou rever os seus quatro títulos finais, espelhando três componentes essenciais da sua visão do mundo:

1 — uma permanente interrogação dos limites da experiência material dos seres humanos, vislumbrando a hipótese de uma transcendência que nos aproxima (ou afasta) do espaço divino — convém recordar que Kieslowski é autor da notável série televisiva "**Decálogo**" (1989-1990), tendo como ponto de partida os Dez Mandamentos;

2 — uma discussão formal (e, em boa verdade, sensual) das fronteiras figurativas do cinema, por assim dizer dividido entre as suas componentes realistas, derivadas da sua evidência "fotográfica", e a possibilidade de nos fazer sentir, ou pressentir, o que está para além do experiência visível do quotidiano;

3 — uma atenção obsessiva e carinhosa às convulsões do feminino, de tal modo que as mulheres dos seus filmes (e, de alguma maneira, as respectivas atrizes) vivem experiências que desafiam todas as componentes do seu ser, ao mesmo tempo que interrogam as certezas do universo dos homens.

A DUPLA VIDA DE VÉRONIQUE (1991) — Até que ponto a vida paralela de Weronica, uma cantora lírica polaca, e Véronique, uma professora de música francesa, corresponde ao cumprimento de um destino comum, selado pelo mistério do sagrado? Entregando ambas personagens a Irène Jacob, intérprete de radiosa verdade, Kieslowski coloca em cena um enigma enraizado no próprio (des)conhecimento do factor humano — é um filme tão transparente, e também tão enigmático, quanto o pode ser uma cerimónia ritualizada.

AZUL (1993) — Começava aqui a célebre "Trilogia das Cores", associando as cores da bandeira francesa aos temas simbólicos da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Para a personagem de Julie (outra notável composição: Juliette Binoche), a perda do marido e do filho implica um trabalho de luto misteriosamente pontuado pela música incompleta deixada pelo marido — uma fábula realista, enfim, em que a energia da vida se diz através da proximidade da morte.

BRANCO (1994) — Na sequência da sua conflituosa separação de Dominique (Julie Delpy), Karol Karol (Zbigniew Zamachowski) descobre-se envolvido num processo de reconstrução da sua própria personalidade que, em última instância, questiona todas as certezas que pudesse ter sobre as relações humanas — na sua dimensão dramática, é também um filme em que, através de uma calculada ambiguidade, Kieslowski integra alguns elementos irónicos, por vezes à beira do burlesco.

VERMELHO (1994) — Irène Jacob regressa para interpretar Valentine, uma estudante, modelo nas horas vagas, que estabelece uma inesperada relação de cumplicidade com Joseph Kern (Jean-Louis Trintignant), um juiz retirado. As atribulações a que são sujeitos (re)colocam a possibilidade de uma proximidade fraternal, de algum modo esquecida num mundo em que a proliferação das imagens tende a ser mais forte que os próprios factores humanos. No seu misto de desencanto e esperança, ficou como um testamento do cineasta, falecido a 13 de Março de 1996, durante uma operação de coração aberto, na sequência de um ataque cardíaco — cerca de dois anos antes, depois da conclusão de "Vermelho", Kieslowski anunciara que se retirava do cinema.

Outra Europa, outros filmes, outros públicos

Luís Miguel Oliveira, *Público* de 4 de Dezembro de 2015

Krzysztof Kieslowski foi um dos últimos estertores de uma ideia de cinema europeu - a do “autor” capaz de conciliar o “prestígio” fundado na sua idiossincrasia e conservando um módico de apelo popular. Eram outros filmes, outros públicos, outras salas de cinema - viagem no tempo, agora.

Em Março do ano que vem cumprem-se vinte anos sobre a morte de Krzysztof Kieslowski, aos 54 anos. Foi o último grande autor polaco, pelo menos em termos de capacidade de circulação internacional, numa cinematografia cheia de tradições mas um pouco órfã desde o relativo ocaso de Andrzej Wajda e os prolongados exílios de Roman Polanski e Jerzy Skolimowski. Foi, também, um fenómeno: a implantação de Kieslowski no imaginário cinéfilo internacional foi uma questão de quatro filmes feitos em quatro anos, entre 1991 e 1994: precisamente estes que agora voltam aos écras, **A Dupla Vida de Veronique** e a trilogia das três cores, **Azul**, **Branco** e **Vermelho**. Antes disso houvera, claro, o **Decálogo**, uma série de televisão que seguia os Dez Mandamentos, um episódio para cada um, e que deu origem, nalguns casos (nomeadamente **A Short Film About Killing**), a versões mais extensas para exhibições em sala de cinema. O **Decálogo** é de 1988 e foi o início da projecção internacional de Kieslowski, que até então filmara sempre com capitais polacos e raramente era visto fora da Polónia. A partir daí, abertas as portas do financiamento internacional (França, sobretudo), arrancaria para essa série final de quatro filmes, todos feitos no estrangeiro ou entre a Polónia e o estrangeiro, antes de anunciar a reforma, pouco antes da morte, professando o desejo de passar o tempo que lhe restava “a pintar e a fumar”.

Kieslowski atravessou a cena internacional como um meteorito, e hoje até é fácil ver nele e no seu sucesso um dos últimos estertores de uma ideia de cinema europeu - a do “autor” capaz de conciliar uma ideia de “prestígio” fundada na sua própria idiossincrasia e conservando um módico de apelo popular - que depois dele, e ao longo destes vinte anos, se foi lentamente extinguindo. Podemos vê-lo, também, com o recuo que o tempo permite, como o caso de alguém que estava na hora certa e no lugar certo para filmar, em sequência, os últimos anos do comunismo de Leste e os primeiros anos daquela Europa estupidamente “feliz” da década de 90, que acreditava não ter, a partir daí, entraves para uma verdadeira união (a trilogia das cores, decalcando o padrão da bandeira francesa e os ideais da Revolução de 1789, “Liberdade”, “Igualdade” e “Fraternidade”, não deixava de apontar para um ecumenismo desse tipo, pelo menos na superfície).

Da crueza à euforia estética

A obra estritamente polaca de Kieslowski (que filmava desde a década de 60) só foi vista, na sua generalidade, depois destes anos de reconhecimento internacional. Pode-se encontrar aí, sobretudo na sua produção documental, um olhar duro, mesmo rude, à altura da dureza e da rudeza da vida polaca da altura, um confronto permanente com a realidade (mesmo nas ficções, que não perdem o pé ao “real”) de onde está ausente aquele romantismo ou as suas derivas que estes quatro filmes, a começar por Veronique, patenteiam. Nem aquela perspectiva católica, mais ou menos “oblíqua” e sempre bastante complexa, estampada no **Decálogo**. O momento crucial para o aparecimento do Kieslowski tardio terá sido o encontro com o argumentista Krzysztof Piesiewicz e com o músico Zbigniew Preisner. Deu-se em 1985, num filme chamado **Sem Fim**, e “até ao fim” todos os filmes de Kieslowski repousariam nas intrincadas teias concebidas por Piesiewicz (o contraponto católico para o declarado agnosticismo do cineasta) e nas enleantes composições musicais de Preisner (sendo de notar que a música, tendo um papel fundamental nestes quatro filmes, é mesmo o meio onde se movimentam as personagens de **A Dupla Vida de Veronique** e de **Azul**).

No final da trilogia das cores, em **Vermelho**, dava-se o mais declarado traço de união entre os três, através da reunião das personagens vistas nos vários filmes. Como os filmes tinham cenários diferentes (a Polónia, a França e a Suíça), essa reunião podia ter essa leitura mais ou menos política referente a uma Europa finalmente sem barreiras, onde todos podem estar próximos de todos (enquanto ainda na **Dupla Vida de Veronique** a relação entre a personagem polaca e a personagem francesa era meramente uma questão de “reflexo” ou de “paralelismo”, a proximidade tornada possível apenas em termos “místicos”). Por outro lado, introduz o tema do “destino”, dos acasos e das

coincidências como manifestação de algum tipo de teleologia, com uma incidência na construção narrativa mas também na “moral” a extrair dela, que acaba por ser o ponto onde mais se encontram os últimos quatro filmes de Kieslowski (e as relações entre eles descem ao nível do detalhe: von Buddenmayer, um compositor fictício saído da imaginação de Piesiewicz e Kieslowski, é mencionado em **Veronique** e na trilogia das cores). Quer a **Veronique** quer a trilogia das cores colocam Kieslowski na linhagem de alguns grandes cineastas europeus do “acaso”, como Bresson ou Jacques Demy. Mas se as referências religiosas, ou pelo menos a um qualquer mecanismo supra-humano capaz de misteriosamente controlar os destinos individuais ou colectivos, o aproximariam mais de Bresson, a relativa euforia estética (pelo menos bem longe da segura “austeritária” do autor de **Pickpocket**) a que Kieslowski se entrega deixam-no bastante mais perto do romanesco segundo Demy (que também foi, já agora, um cineasta de “cores”, e sempre atravessado por um vento sombrio). De resto, convém dizer que Kieslowski admitiu o acaso até como método na construção dos seus filmes, e em declarações sobre **Veronique** referiu ter rodado sete finais diferentes para escolher um na montagem, sendo que a montagem passou por vinte versões até chegar à definitiva.

Não temos uma resposta para esta pergunta: o que têm estes filmes de Kieslowski, testemunhos de uma época que foi há tão pouco tempo mas parece tão remota, a dizer a um espectador contemporâneo? Que falam de uma Europa que nunca terá chegado a existir, isso é certo - em **Azul**, primeiro filme da trilogia, tem particular importância a composição de uma peça musical chamada *A Unidade da Europa*. Que falam de uma Polónia a tentar erguer-se da penúria económica deixada pela debacle do comunismo, também é certo – nomeadamente em **Branco**, segundo filme, o mais “polaco” de todos, e o mais fortemente concentrado numa perspectiva social e económica. Mas talvez não digam tanto como quando se abstraem, ou se parecem abstrair, de um “contexto” - como em **Vermelho**, com aquela pungente e delicadíssima relação entre Irène Jacob (esse rosto kieslowskiano por excelência, também na **Veronique**, e que depois raramente encontrou filmes à altura) e o velho juiz interpretado pelo majestoso Jean-Louis Trintignant, no seu último grande papel antes do **Amor** de Michael Haneke, quase vinte anos depois. Mas é a vinte anos atrás, ao tempo de outros filmes, de outros públicos, de outras salas de cinema, que nos leva o momento de ir, outra vez, ver Kieslowski ao cinema. Uma pequena viagem no tempo, e não a negligenciemos. A edição em DVD virá mais tarde.

